



REVISTA INTER-LEGERE: PESQUISAS

# A DESCENDÊNCIA DO CIGANO CEM: CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO ÉTNICA DOS CIGANOS DA CIDADE ALTA (LIMOEIRO DO NORTE/CE)<sup>70</sup>

---



**LAILSON FERREIRA DA SILVA<sup>71</sup>**

Aluno do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/PPGCS, na modalidade mestrado.

Este trabalho apresenta algumas notas prévias da pesquisa em andamento: **A descendência do Cigano Cem: construção e afirmação étnica dos ciganos da Cidade Alta – Limoeiro do Norte – Ceará/Brasil**, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem como objetivo compreender o processo de construção e afirmação da identidade étnica dos ciganos do bairro Cidade Alta, situado a sete quilômetros do centro da cidade de Limoeiro do Norte, distando 204 km de Fortaleza a capital do Estado.

A Cidade Alta é um dos maiores bairros do município de Limoeiro do Norte, apresentando uma população de sete mil habitantes. Entre essa população encontra-se um grupo de pessoas as quais se definem e são identificadas como ciganos. Para Frederik Barth (1998), à medida que os atores se autoreconhecem e são reconhecidos pelos outros enquanto tais eles formam um grupo étnico no seu sentido organizacional. Dessa forma, tomaremos como referências as elaborações teóricas que enfatizam a etnicidade como uma construção situacional, destituída de qualquer substância biológica ou cultural.

Segundo Barth (1998), os estudos sobre a etnicidade devem partir de um enfoque relacional, em que os limites sociais do grupo étnico, em causa, se constituem no *locus* por excelência da investigação. O grupo étnico deve ser visto como um tipo organizacional cujos membros são indivíduos que se auto-identificam e são identificados como portadores de uma identidade supostamente baseada em sua origem e formação. Sendo assim, Barth propõe um novo olhar sobre a importância da cultura nos processos de afirmação étnica. Para ele, ainda que as unidades étnicas pressuponham diferenças culturais, a cultura deve ser vista como um

---

<sup>70</sup> As questões aqui apresentadas fazem parte do Pré-Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Sendo assim, modificações ainda poderão ocorrer durante o processo de desenvolvimento.

<sup>71</sup> Orientador: Dr. Luiz Carvalho de Assunção.

produto da ação do próprio grupo e não como condição básica para a sua definição. Logo, os conteúdos das fronteiras étnicas podem variar e, por isso, o que deve ser considerado como significativo para efeito de identificação são os elementos eleitos pelos próprios indivíduos para expressar a filiação deles a um determinado agrupamento étnico. Dessa forma, os indivíduos ou grupos podem lançar mão de diversos mecanismos para exprimirem sua identidade.

Cardoso de Oliveira (1976), ao elaborar seus estudos sobre as áreas de “fricção inter-étnica”, esclarece que, na medida em que as relações inter-étnicas caracterizam-se por tensões veladas ou conflitos abertos, a identidade étnica poderá ser manipulada. Isso implica considerar que sua emergência está intimamente relacionada ao contexto, a situação, o interlocutor e outros fatores presentes nas situações nas quais se encontram os atores sociais. É preciso buscar compreender os processos de emergência dos mecanismos contrastivos que servem para afirmar a identidade étnica. Em outras palavras, o autor insiste na necessidade de se identificar os mecanismos através dos quais os indivíduos ou grupos manifestam suas identidades.

Nessa perspectiva, Cunha (1976) nos informa sobre a necessidade de pensar a cultura como uma dimensão importante na construção da identidade étnica, sem que isso conduza a percebê-la como algo estático e substancial. No seu entendimento, a etnicidade possui um caráter situacional e, sobretudo, consiste em uma categoria nativa marcada por um discurso político, onde os atores sociais invocam uma origem e uma cultura comuns. A crença na origem comum, que pode ser real ou imaginária, garante a legitimidade da identidade reivindicada e a idéia de um nós coletivo.

[...] mas essa perspectiva acarreta também que a etnicidade não difere, do ponto de vista organizatório, de outras formas de definição de grupos, tais como grupos religiosos ou de parentescos. Difere isto sim, na retórica usada para se demarcar o grupo, nestes casos uma assunção de fé ou de genealogias compartilhadas, enquanto na etnicidade se invocam uma origem e uma cultura comuns. Portanto, não mais que estes outros grupos, a etnicidade não seria uma categoria analítica, mas uma categoria “nativa”, isto é, usada por agentes sociais para os quais é relevante (CUNHA, 1986, p.117, grifo do autora).

Portanto, a etnia deve ser vista como uma construção simbólica elaborada em situação e por contraste, destituída de substância biológica ou cultural. Qualquer elemento cultural poderá ser utilizado e exibido emblematicamente como referencial da identidade. No entanto, esses elementos só se tornam características étnicas quando são utilizados para reivindicar uma origem comum.

Nesse sentido, como se constrói e se afirma a identidade étnica cigana? Para responder a tal questionamento é necessário primeiro entender o contexto das relações sociais

na qual ela emerge.

Foi por volta da década de 1980 que as irmãs Zuleide Alves dos Santos e Zeiná Alves dos Santos, juntamente com seus filhos, fixaram residência no bairro Cidade Alta. Pouco a pouco, outros ciganos foram deixando para trás a vida de andarilhos. A maioria dos filhos casou com parentes ou com moradores (as) do lugar e constituiu novas famílias. Inicialmente os ciganos moraram em outras ruas da comunidade antes de se estabelecerem definitivamente na Vila da Paz e No Buraco da Jia, onde residem até hoje.

No passado, como eles próprios costumam afirmar, o grupo não tinha um local fixo de moradia. Todos eram andarilhos e transitavam pela região do Vale do Jaguaribe e, em especial, as cidades do Baixo Jaguaribe. Entre as cidades, podemos destacar Alto Santo, Jaguaruana, Jaguaribe, Russas, Limoeiro do Norte. Atualmente, podemos encontrar membros do grupo residindo em algumas dessas cidades, principalmente em Jaguaruana e Limoeiro do Norte, distantes, uma da outra, cerca de 80 km.

Durante o período em que viveram circulando pelas referidas cidades, os ciganos possuíam como principal fonte de sobrevivência a troca de animais ou objetos, sendo exercida essencialmente pelos homens. As mulheres, por sua vez, dedicavam-se à quiromancia e à leitura de baralho. A procura de fontes de renda determinava certa mobilidade dos ciganos no espaço do Baixo Jaguaribe, já que a atividade de troca exigia tempo e envolvia um processo de negociação, o qual nem sempre se apresentava de maneira satisfatória. As dificuldades, dizem eles, eram muitas e o grupo começou a enfrentar dificuldades para manter-se, enquanto andarilhos. Então, a vida sedentária passou a ser vista como uma opção diante das dificuldades e necessidades de sobrevivência.

Atualmente, os ciganos estão divididos em sete famílias, não compostas exclusivamente por ciganos. Algumas famílias resultaram da união de um cigano (a) e um morador (a). Não há uma regularidade quanto ao número de membros por família, variando entre um e seis pessoas em uma mesma casa. A média de filhos varia entre um e quatro por família.

Sendo assim, os ciganos vivem inseridos no contexto da população local, parecendo não se distinguir desta em nenhum destes aspectos. A exemplo, podemos destacar que eles têm residência fixa; os homens trabalham em firmas localizadas no próprio município de Limoeiro do Norte; as mulheres cuidam da casa, dos filhos e algumas colocam o baralho para as pessoas do bairro e de lugares vizinhos; e as crianças em idade escolar estão matriculadas em escolas do bairro.

Entretanto, a adaptação à nova vida encontrou considerável resistência da população local, a qual não via com bons olhos a chegada dos ciganos. É disso que nos fala Dona Maria de Fátima, moradora da comunidade desde sua infância.

Vale ressaltar que o preconceito e o estigma são elementos definidores de barreiras sociais e expressam conflitos. Neste sentido, a busca de compreensão do processo de construção e de afirmação da identidade cigana deve privilegiar as relações estabelecidas entre os ciganos e os moradores do bairro, tendo em vista perceber os mecanismos de identificação étnica de que nos fala Cardoso de Oliveira (1976). Por outro lado, nos parece fecundo considerar que a afirmação da identidade étnica dos ciganos da Cidade Alta é orientada pela crença de que todos descendem dos ciganos errantes e possuem como referência o *Cigano Cem*. Por isso, eles sempre fazem referência aos seus antepassados e chegam a dizer que possuem uma língua própria que herdaram dos antigos ciganos, isto é, daqueles que eram andarilhos e andavam pelo mundo sem um lugar certo para fixar residência.

Ciganos é descendência dos mais velhos que viviam andando pelo meio do mundo a cavalo. Aí, ficou essa descendência de, ainda hoje, ser, assim, cigano. [...] Existe uma linguagem dos ciganos; assim, que é uma língua diferente de vocês, que já vem dos descendentes. (Laení Alves dos Santos, Jul/04)

Ou ainda:

Antigamente, o chefe era o meu avô Cem. Todo mundo aqui a redor de Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Limoeiro, Russa, Jaguaruana, Aracati, tudo conhece o cigano Cem. (Maria da Conceição Alves dos Santos, Jul/04)

Como afirma Weber (1983), no processo de afirmação étnica, os indivíduos orientam suas ações ancoradas na crença de uma origem comum, real ou imaginária. Tal crença garante a legitimidade da identidade reivindicada e a idéia de um **nós** coletivo. Ou, como assevera Cunha (1976), a etnicidade consiste numa categoria nativa usada por atores sociais para os quais ela é importante. Isso explica o fato de os indivíduos invocarem uma origem e uma cultura comum para demarcar a fronteira do grupo em questão. Trata-se, diz a autora, de algo recorrente nos processos de afirmação étnica. Nessa perspectiva, a memória e a história desempenham um relevante papel nos processos de afirmação étnica. Afinal, como nos lembra Michel Pollak (1992), a memória confere um sentido de continuidade e de coerência para um indivíduo ou um grupo no processo de reconstrução de si.

O Cigano Cem era, reconhecidamente, uma liderança do grupo, determinando regras e decidindo, juntamente com os outros integrantes, os lugares para onde todos deveriam seguir nas suas andanças. As regras precisavam ser levadas a sério e respeitadas ao máximo. O

cumprimento das regras era algo indispensável para a garantia da união e da sobrevivência do próprio grupo, como também da defesa contra o estigma procedente da população dos lugares por onde transitavam.

Como afirmamos, no início da década de 1980, os ciganos abandonaram a vida de andarilhos e fixaram residência na Cidade Alta. Todavia, a autoridade do Cigano Cem ainda permaneceu por vários anos. Sua liderança era exercida toda vez que havia a necessidade de interferir em questões envolvendo membros do grupo e suas decisões continuavam a ser obedecidas por todos. Somente após a sua morte, em 1993, os ciganos passaram a ter mais “autonomia” para decidir sobre suas vidas. Atualmente, não existe uma liderança que oriente a conduta dos indivíduos e interfira diretamente nas suas ações. Como disse Maria da Conceição, cada cigano deve cuidar da sua casa.

Duas décadas nos separam do tempo em que o Cigano Cem e seu grupo deixaram a vida de andarilho para fixar residência na cidade Alta, sendo vítima do preconceito dos habitantes do lugar. Passaram-se os anos e os ciganos vivem relações sociais inseridas no contexto da população local, compartilhando as mesmas práticas cotidianas dos moradores, parecendo não se distinguirem em nenhum aspecto descentes. Porém, em suas interações cotidianas, emerge uma série de estereótipos que os estigmatizam, tais como ladrões, trapaceiros, valentes, associação das mulheres à prostituição, como sendo características fundamentais para defini-los. Em outras palavras, as relações permanecem tecidas pelos fios do preconceito. Decerto, as resistências estabelecidas pelos primeiros moradores em aceitá-los como vizinhos foram vencidas. No entanto, é importante considerar que a vida não é fácil para quem se identifica e é identificado como cigano na Cidade Alta.

Portanto, para entender como se ocorre o processo de construção e afirmação da identidade étnica cigana, buscaremos realizar uma etnografia densa, como propõe Geertz (1989), na tentativa de apresentar uma interpretação adequada dos comportamentos e das ações concretas dos sujeitos sociais. Para tanto, procuraremos registrar acontecimentos cotidianos, gravar entrevistas, como meio de fazer o levantamento necessário para realização do trabalho. Tentaremos, também, manter contato com os ciganos que residem em outras cidades da região do Baixo Jaguaribe, a exemplo de Jaguaruana, considerados, pelos ciganos da Cidade Alta, como seus parentes.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: Construção da Pessoa e Persistência Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.

MARTINEZ, Nicole. **Os ciganos**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocely. **Teorias de etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

WEBER, Marx. **Comunidades Étnicas**. In: *Economia y sociedade*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.